

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



HOUSE:

A TEOLOGIA SUBLIMINAR DE UM SERIADO SOBRE SAÚDE

Renato Ferreira Machado*

RESUMO:

Ao longo de oito anos, o seriado *Dr. House* apresentou, semanalmente, complexos casos de medicina sendo solucionados por um protagonista polêmico, de métodos pouco ortodoxos. Muito mais do que um *drama hospitalar*, porém, a série revelou, como fio condutor, uma verdadeira teologia a respeito da verdade, do sofrimento e da salvação. Por isso, chama atenção o fato da teologia se encontrar presente em um produto midiático de tão grande alcance e popularidade, como é o caso do seriado, sem ter sido utilizada como simples elemento moralizador. Pelo contrário: as abordagens teológicas reveladas nas histórias do Dr. House sempre se mostraram polêmicas, críticas e questionadoras, trazendo à luz discussões sobre assuntos como ceticismo, fé, ciência e sentidos para o viver e o morrer, entre outros. Buscando destacar esta subliminaridade teológica, o artigo apresentará episódios e situações nos quais se pode fazer uma leitura a partir da ciência da fé.

PALAVRAS-CHAVE: Dr. House. Teologia. Mídia.

ABSTRACT:

Over eight years, the show *House MD* weekly submitted, complex medical cases being solved by a controversial protagonist with his unorthodox methods. Much more than a hospital drama, however, the series revealed, as a guide, a theology about the truth of suffering and salvation. Therefore, it is remarkable that theology is present in a media product of such a large scope and popularity, as it is the case of this series, without having been used as a mere moralizing. On the contrary: the theological approaches revealed in the stories of *Dr. House* have always been controversial, critical and inquisitive, bringing to light discussions on issues such as skepticism, faith, science and directions for living and dying, among others. Seeking to highlight this theological subliminals, the paper will present episodes and situations in which you can do a reading from the science of faith.

KEYWORDS: Dr. House. Theology. Media.

* Renato Ferreira Machado, doutorando em Teologia no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, com bolsa do CAPES. O presente artigo se insere em minha atual pesquisa no doutorado, onde sou orientado pelo Prof. Dr. Remí Klein e deverá integrar a tese *Todo mundo mente: Dr. House e a teologia da integralidade humana*. E-mail: gaulkemachado@terra.com.br ou renatoferreiramachado@gmail.com

Salvar vidas é apenas um dano colateral.
(Gregory House)

*O médico vê o homem em toda a sua fraqueza;
o jurista, em toda a sua perversidade;
o teólogo, em toda a sua estupidez.*
(Arthur Schopenhauer)

A experiência religiosa é a atitude dinâmica de abertura do ser humano ao sentido fundamental de sua existência e encontra-se na raiz de todas as dimensões do existir, resignificando-as em transcendência¹. Erroneamente, tem-se identificado esta capacidade como algo que remete para fora do real, possibilitando uma fuga do cotidiano e seus problemas. Tal interpretação decorre de uma herança positivista de metafísica, segundo a qual um discurso é válido somente se o seu objeto puder ser comprovado. Resulta disso uma *defesa da religião* na qual, ao se assumir o instrumental dessa herança, passa-se a buscar a comprovação dos objetos teológicos e a discuti-los em nível ontológico.²

Nossa visão permanecerá inevitavelmente superficial até que não tenhamos superado a metafísica da presença dos objetos teológicos e até que não tenhamos superado aquele vértice que, coincidente com a experiência efetiva da atualidade da religião, reconhece no discurso religioso uma perspectiva hermenêutica por meio da qual devemos olhar a vida.³

Essa tendência resulta em uma relação defectiva das pessoas entre elas e com as contingências mais primárias de sua existência, como a dimensão corporal, por exemplo. A experiência religiosa, na verdade, possibilita um mergulho no profundo da realidade, desfazendo ilusões e questionando certezas: é através de uma *consciência religiosa* que o ser humano consegue resignificar os elementos levantados pela ciência instrumental e, mais importante, rebelar-se contra as limitações apresentadas nesta espécie de leitura da vida.⁴ É desse tipo de experiência que se pode emergir com uma proposta de vida construtiva, possível de

¹ Cf. GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75-76.

² Cf. GARGANI, Algo. A experiência religiosa como evento e interpretação. In DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 125-129.

³ GARGANI, 2000. p. 128.

⁴ Cf. ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papirus, 1988. p. 19. 51-58.

transformar a identidade pessoal e o meio onde se está inserido. Nesse sentido, realidades como a doença podem se tornar também uma profunda experiência de transcendência, principalmente quando se consegue cultivar a atitude de acolher e integrar este quadro na totalidade do viver.

Ambientado em um hospital e tendo um médico por protagonista, o seriado *House*, ao longo de suas oito temporadas, levou ao ar várias histórias que circulavam ao redor da crise entre saúde e enfermidade e da dramática busca de cura para doenças ainda não diagnosticadas⁵. Em um contexto midiático, conforme se mostra o cenário atual, percebe-se o quanto produções de cinema e TV como essa podem atrair as pessoas e se inserir no cotidiano em uma verdadeira ritualização *neomitológica*. Acompanhar as histórias e os personagens de um seriado pode ultrapassar o simples entretenimento e se tornar uma adesão a determinados modos de pensar e agir. Para que isso ocorra, é necessário que as histórias narradas apresentem elementos de identificação com o público, levando o espectador a sentir-se participante da trama que está sendo exibida, chegando a, quem sabe, questionar ou buscar soluções para seus problemas do cotidiano segundo os parâmetros daquilo que assiste. Quando lidamos com este nível de comunicação, estamos entrando em um terreno de significações teológicas, no qual as crenças podem ser lidas e interpretadas, propondo novas ações que confirmem aquilo que se crê.⁶ Neste caso, acaba-se encontrando uma elaboração teológica em um lugar *extrateológico* e, com isso, uma teologia produzida por quem não a estudou, mas a intuiu, dirigida a quem não busca teologia, mas, mesmo sem saber, anseia por respostas de nível teológico para questões importantes de seu existir.

NO HOSPITAL VOCÊ TEM TODO O TEMPO DO MUNDO⁷

Geralmente, os episódios de *House* se iniciam com um *teaser*, mostrando personagens não usuais na trama: homens, mulheres, crianças, jovens ou idosos vivendo algum momento comum de suas vidas, ou mesmo algum momento especial,

⁵ HOUSE MD. Fox / Universal Studios. Criador: David Shore. Produção: Katie Jacobs, David Shore, Paul Attanasio, Bryan Singer, Russel Friend, Garrett Lerner e Thomas L. Moran – Fox. Elenco: Hugh Laurie, Lisa Edelstein, Robert Sean Leonard, Jennifer Morrison, Jesse Spencer, Omar Epps, Peter Jacobson, Kal Penn, Olivia Wilde.

⁶ Cf. ADAM, Júlio Cezar. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012. p. 553-554

⁷ Refrão da música Uma tarde de outono de 73, de Júlio Reny.

dele sendo retirados pela manifestação de alguma enfermidade. Em seguida, passa-se à abertura da série, com um tema instrumental baseado na música *Teardrop*, da banda *Massive Attack*, imagens dos personagens e nomes dos atores e produtores, entremeados por ilustrações de órgãos do corpo humano. Estas ilustrações transmitem uma ideia de complexidade a respeito do corpo e do nível de dificuldade do trabalho de House e sua equipe: descobrir doenças ainda não diagnosticadas através da leitura do comportamento deste corpo, colocando-o em crise com o discurso do paciente.

O conceito central de *House* é o da urgência diante da fragilidade da vida. De certa maneira, pode-se dizer que a Teologia se ocupa disso ao elaborar um discurso de fé focado em conceitos como *salvação* e *redenção*, experiências que remontam à própria formação da consciência humana, desenvolvida ao longo de um histórico de luta pela sobrevivência e busca de sentido para a vida.

É o significado sânscrito de *svastha* (bem estar, plenitude), que depois assumiu a forma do nórdico *heill* e, mais recentemente, *Heil, whole, hall* nas línguas anglo-saxônicas, que indicam integridade e plenitude. A mesma coisa acontece com o termo *soteria* na língua grega, segundo a qual justamente Asclépio é considerado *sóter*: aquele que cura e que é ao mesmo tempo salvador.⁸

O ser humano, adquirindo consciência sobre a vida, adapta-se ao ambiente, adapta o ambiente a si – desencadeando nisso o próprio processo de produção cultural – e busca assegurar-se que sua vida não perecerá neste processo. Em contato com o desconhecido que o tempo vai revelando, necessita buscar segurança, e esta é encontrada nas experiências de manutenção de sua integridade.⁹ Salvação, portanto, é uma situação na qual o ser readquire sua identidade original e, com ela, a confiança e a dignidade necessárias para continuar a jornada de sua vida. No senso comum da cultura ocidental, esta concretude do sentido salvífico parece ter sido esquecida e este termo acabou associado quase que exclusivamente ao ideário de vida após a morte, tornando-se abstrata e mesmo fantasiosa. Nesse sentido, pode-se encontrar uma contribuição significativa no seriado, onde a experiência de salvação é mostrada como algo que emerge como

⁸ TERRIN, A. N. O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões. Tradução de Euclides Balancin. São Paulo: Loyola, 1998. p. 154.

⁹ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. El hombre como problema: hacia una antropología teológica. Barcelona: Herder, 1976. p. 45-46.

necessidade de releitura do cotidiano da vida, em busca de uma *verdade última*, que resgate a identidade original do ser e confira sentido ao sofrimento.

É uma verdade básica da condição humana que todo mundo mente. A única variável é sobre o quê. É importante dizer a uma pessoa que ela está morrendo porque isso ajuda a focar em suas prioridades. Você descobre o que importa para ela. Pelo que está disposta a morrer. Pelo que está disposta a mentir.¹⁰

Tão obcecado pela resolução do enigma médico que se apresenta à sua frente, House o é também pela verdade. O que torna esta questão interessante nas histórias apresentadas é que, apesar da fria racionalidade do médico, ele parece não se contentar simplesmente com o acerto do diagnóstico: sua curiosidade maior parece ser a respeito da pessoa que adoeceu e do que a levou àquele quadro. Tal atitude reflete a insatisfação de House com toda artificialidade e superficialidade que o rodeia. O médico sabe, como ninguém, que grande parte das identidades afirmadas pelas pessoas são simulacros que refletem seus desejos e sublimações emocionais e que elas sustentam estes simulacros para sobreviverem em uma sociedade movida a aparências, status e competição. House, por sua vez, vive na pele uma verdade que, se não é definitiva, é definidora de muitas de suas decisões: a dor. No último episódio da sexta temporada, ao auxiliar no resgate das vítimas de um desabamento, House se depara com uma mulher chamada Hannah. Ela está com a perna presa sob uma viga e não consegue tirá-la de lá. Com a história se passando neste local claustrofóbico, observa-se House obcecado em resolver este problema sem comprometer a integridade física da paciente: identificando o problema com seu próprio sofrimento, ele projeta nela a solução que a ele foi negada. A todo custo, o médico tenta salvar a perna de Hannah de ser amputada. Quando não há mais solução – pois, além do risco de desabamento, a vítima pode desenvolver um quadro de gangrena – House e Hannah travam um diálogo emblemático, que sintetiza todos os sentimentos do médico, em relação a si e ao mundo.

House: *Eu tinha um coágulo de sangue, e o músculo estava morrendo. E eu tinha todos esses médicos me dizendo que eu deveria amputar, e eu disse que não, e eles fizeram isso ... operação muito arriscada. Eu quase morri.*
Hannah: *Mas você salvou a perna.*

¹⁰ House M.D., Three Stories. primeira temporada, episódio 21.

House: *Eu preferia não ter salvo. Cortaram um pedaço do músculo, do tamanho do meu punho, e eles me deixaram com esta coisa mutilada, inútil. Eu sinto dor... todos os dias. Isso me mudou. Me fez uma pessoa mais difícil, uma pessoa pior. E agora... Agora eu estou sozinho. Você não quer ser como eu. (...) Você tem uma vida. E isso... Isso é apenas uma perna.*¹¹

Para House, o que realmente existe é a dor que ele sente e o esforço que ele faz para mantê-la sob controle. A dor o remete à miserabilidade de sua condição humana e ele constrói suas relações a partir desta miséria. Esta condição, imanente ao personagem, age como uma espécie de filtro para analisar o paciente: a doença é um sintoma de uma miséria ontológica que, quanto mais foi mantida oculta, mais ameaçadora se torna ao vir à tona.

De certa maneira, o mundo, conforme se configura hoje, apresenta uma realidade na qual há possibilidade de diminuir sofrimentos e aumentar a longevidade: os progressos da medicina trazem a esta geração a perspectiva de amenizar dores e ter enfermidades curadas. Além disso, há uma possibilidade, cada vez mais difundida, de viver-se com o mínimo de conforto e dignidade. Obviamente, não podem ser esquecidas as situações de profunda miséria e exploração pelas quais passa uma parte significativa da humanidade, mas é preciso admitir que, se isso é encarado como escândalo, é porque já há outro parâmetro de vida digna como experiência concreta. Mesmo assim, observa-se um aumento significativo nos casos de depressão e outras doenças emocionais, da mesma forma como a violência se banaliza e o tédio parece ser uma atitude recorrente à maioria das situações do cotidiano.¹²

Geralmente esse não é o tipo de sofrimento trágico, incomum, espetacular, mas um enorme manto escuro que se abate sobre nossas vidas como fuligem, cobrindo tudo de tédio, enfado, melancolia, feiúra e mediocridade. Vivemos como robôs, obedientes à programação social que recebemos, sem nunca levantar as perguntas fundamentais de nossa existência. Nossas próprias paixões estão adormecidas. Vamos para a cama em obediência à publicidade carregada de sexo e pulamos da cama em obediência aos alarmes dos relógios. Não temos quase nenhum motivo para sair da cama e quase todos os motivos para deitar nela.¹³

Viver em uma realidade assinalada por convenções que não dialogam mais com a busca de um sentido para a vida esvazia o existir e banaliza o morrer. Uma

¹¹ House M.D., Help Me. sexta temporada, episódio 22.

¹² Cf. KREEFT, Peter. Buscar sentido no sofrimento. Tradução de Alexandre Patriarca. São Paulo: Loyola, 1995. p. 20-21.

¹³ KREEFT, 1995.p. 21.

das grandes dificuldades neste contexto passa a ser a própria distinção do que é basilar para a vida daquilo que acaba ocupando espaço apenas por necessidades passageiras. Assim, para reencontrar o *ponto de re-ligação*, por vezes é preciso tomar distância e, dessa distância, reler os fatos da vida para com eles construir outras relações. No texto sagrado judaico-cristão, encontra-se uma metáfora que simboliza essa atitude: o deserto, onde se vive um vazio de *ter* para novamente preencher o *ser*. Retorna-se de lá comprometido com uma nova proposta de vida. Nesse sentido, o fictício Hospital-Escola *Princeton Plainsboro*, local onde House e sua equipe trabalham, pode ser tomado como uma metáfora de deserto, em seu realismo mais profundo. Retirados de seu cotidiano por alguma enfermidade, os pacientes tem sua vida sintetizada no ambiente hospitalar: todas as angústias, alegrias, sonhos e desilusões são vividos lá, em toda sua radicalidade.

OS DOIS EXTREMOS DA VIDA

No episódio *Um dia numa sala*¹⁴, a paciente de House é uma jovem que foi violentada. A princípio, isso se apresenta como uma exceção na série, uma vez que, geralmente, os casos encaminhados para o médico são de doenças para as quais ainda não se chegou a um diagnóstico, sendo que o caso é escolhido ou descartado por House, dependendo de sua complexidade. Nesta vez, é a paciente que escolhe o médico, a contragosto desse último: a princípio, ela é atendida por ele no plantão do hospital, solicitando exames para saber se está com alguma doença sexualmente transmissível. Quando House lhe apresenta o diagnóstico positivo para DST, ela tem uma reação exagerada para o quadro e isso lhe chama atenção. Logo, ele fica sabendo que ela foi violentada e tenta encaminhá-la para outro médico, mas ela acaba forçando o atendimento por parte dele, tentando, inclusive, suicidar-se com alguns medicamentos. Mesmo sem entender direito os motivos da paciente, House acaba acompanhando o caso.

Dr.^a Cuddy – *Designamos outro médico para cuidar de você.*

Paciente – *Quero continuar com ele.*

Dr.^a Cuddy – *Por quê?*

Paciente – *Porque sim!*

Dr.^a Cuddy – *Confie em mim. É melhor alguém especializado...*

¹⁴ House M.D., One Day, One Room. Terceira temporada, episódio 12.

Paciente – *Estou bem.*

Dr.^a Cuddy – *Você disse ao Dr. House que faz menos de uma semana e que não contou a mais ninguém. Emocionalmente...*

Paciente – *Sabe o que estou enfrentando? Sabe pelo que estou passando?*

Dr.^a Cuddy – *Não. Acha que o Dr. House sabe?*

Pouco antes desse diálogo entre a paciente e a médica-chefe do hospital, o próprio House admite não ser a melhor pessoa para tratar de alguém fragilizado emocionalmente. Aqui se encontra um aporte teológico muito importante: a insistência da jovem em ser tratada pelo médico está no fato dela ter identificado nele um sofrimento tão grande quanto o dela. Assim, ela está em busca de um interlocutor que dialogue com ela deste lugar – o sofrimento – e não apenas de alguém que lhe dê conselhos-padrão para casos como o dela. Essa dinâmica vai ao encontro da *theologia pathetica*, elaborada em contraponto à ideia de um *theós apathés*, herdada do pensamento helênico. Esta última, ao idealizar uma divindade incorruptível e impassível, oferece um modelo de sabedoria que, por ser apático, torna o sábio plenamente livre e superior ao mundo. Em contraponto, a *theologia pathetica*, compreenderá as dores e misérias humanas no *páthos* de Deus: o interesse de Deus pelo ser humano e por toda a sua criação, sendo radicalmente amoroso, levam Deus ao sofrimento e ao movimento libertador. A imagem do ser humano identificado com Deus, neste caso, não é a de um ser apático (*homo apatheticus*), que se considera inatingível por estes sofrimentos, mas de um *homo sympatheticus*, que integrará a realidade ao seu viver e nela encontrará a presença de Deus.¹⁵

Ao longo do filme, House e a paciente, chamada Eve, travam vários diálogos. Nessas conversas, o médico tenta fazer com que ela fale sobre o estupro que ela sofreu, o que ela se recusa a fazer. A insistência de Eve é apenas no diálogo em si e em saber mais sobre a vida do médico.

House: *Você quer falar sobre o que aconteceu com você?*

Eve: *Não.*

House: *Quer falar sobre seus medicamentos de DST?*

Eve: *Não.*

House: *Você realmente não parece querer conversar.*

Eve: *Não, eu quero.*

House: *Sobre o quê?*

Eve: *Não sei. Qualquer coisa.*

House: *O tempo? Você foi estuprada e quer falar sobre o tempo?*

¹⁵ Cf. GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002. p. 295-296

Vai se revelando que o desejo de Eve é o de restabelecer laços de confiança com alguém para retomar a ordenação de sua vida. A escolha por House, além de ser motivada pelo reconhecimento do sofrimento do qual o médico é portador, parece ser também pelo fato dele ser um homem e um desconhecido. Eve parece estar se testando, para ver se conseguirá confiar novamente em um homem e aproximar-se de desconhecidos após ter sido violentada. Em um diálogo posterior, Eve revela ser formada em *Comparative Religion*, algo similar às *Ciências das Religiões* no Brasil. Este dado parece ser importante, no sentido de revelar um pouco mais da lógica de Eve junto a House: ela está tentando fazer uma experiência de *re-ligação*, uma vez que sua sacralidade foi violada. Interessante observar que, em nenhum momento, o enredo da história se volta para a descoberta de quem a estuprou ou para os motivos disso ter acontecido. Eve é uma mulher violentada que dialoga com um homem que vive pela lógica. Eve pode ser, por isso, todo o feminino da humanidade, historicamente violado pela lógica de conquista e pelo paradigma masculino, o que parece transparecer também nos nomes dos personagens: *Eve*, ou *Eva*, mãe de todos os viventes; *House*, que se traduz por *casa*, ou seja, o *oikos*, lugar habitável. A casa onde Eve habita é o lugar onde ela é violada. Talvez venha dessa lógica o título do episódio, *Um dia, numa sala*: em uma das conversas com House, Eve compara a vida a uma grande casa, na qual se troca de sala constantemente. Vive-se na medida em que ocorrem os encontros com as pessoas que habitam estas salas. Em uma das salas da casa da vida, Eve encontrou com alguém que a violentou. Agora, quem está na sala com ela é House. Ela quer acreditar que não será violada novamente. Ao mesmo tempo, pode-se intuir que, nesta lógica, House não seria apenas mais uma pessoa com quem ela encontra, mas a casa em si: o médico representa o todo da realidade, em toda sua crueza. Como tal, ele exige respostas.

Uma questão que Eve tenta descobrir no diálogo com o médico são os motivos dele se apresentar tão frio e insensível. Em determinado momento, House inventa uma história, contando que sua avó o tiranizava quando ele era criança. Eve não acredita, pois House ainda chama a avó por um apelido carinhoso de infância, mas ela pressente que há algo de verdadeiro naquela narrativa. Um outro fator, porém, tomará lugar na história: Eve não foi apenas estuprada. Ela está grávida.

House: *O procedimento de aborto é desagradável.*

Eve: *Eu não quero abortar.*
 House: *Você quer ficar com o bebê?*
 Eve: *Aborto é assassinato.*
 House: *Verdade. É uma vida. E você deve acabar com ela.*
 Eve: *Toda a vida é sagrada.*
 House: *Fale comigo, não fique citando frases de para-choques de caminhão.*
 Eve: *É verdade.*
 House: *É sem sentido.*
 Eve: *Toda vida importa para Deus.*
 House: *Não para mim, não para você. A julgar pelo número de desastres naturais, não para Deus também.*
 Eve: *Você está apenas sendo argumentativo.*
 House: *Sim! É o que eu faço. E Hitler? A vida dele é sagrada para Deus? E o Pai de seu filho? A vida dele é sagrada para você?*
 Eve: *Meu filho não é Hitler.*
 House: *Ou toda a vida é sagrada, ou ...*
 Eve: *Pare com isso! Eu não quero conversar sobre filosofia!*
 House: *Você não está matando seu "bebê-estupro" por causa de uma filosofia.*
 Eve: *É crime! Eu sou contra. Você é a favor?*
 House: *Não como uma regra geral.*
 Eve: *Só para crianças ainda não nascidas?*
 House: *Sim! O problema com as exceções às regras são os limites. Pode fazer sentido para nós matar o idiota que fez isso com você. Mas qual é o limite? Que idiotas acabaremos matando? Que idiotas permanecerão vivos e continuarão sendo idiotas? É fácil debater o aborto discutindo sobre tempo de gestação, mas em última análise, existe um limite claro - o nascimento. Moralmente, não há muita diferença. Na prática, a diferença é enorme.*
 Eve: *Você está gostando dessa conversa.*
 House: *Este é o tipo de conversa na qual dialogo melhor.*
 Eve: *E o outro tipo? Sobre questões pessoais?*
 House: *É uma conversa sem respostas. Se não há respostas, por que conversar?*

Para House, finalmente há algo interessante nesse caso: ele precisa convencê-la a abortar e, finalmente, fica claro para ele o motivo de tanta angústia. Além da violência sofrida no próprio corpo, Eve vivia ainda o dilema de carregar, neste mesmo corpo, uma vida gerada por esta violência. No diálogo final entre House e Eve, ocorrido em um parque próximo ao hospital, estas questões vem à tona e encontram vazão pelo viés teológico.

House: *A vida continua.*
 Eve: *É essa a razão que estamos aqui?*
 House: *Sabe por que eu venho aqui? Eu me sento, assisto, imagino...*
 Eve: *Parece bom.*
 House: *[apontando para corredores] Imagine se um deles quebrar uma perna. Apenas um passo em falso. Uma rachadura na calçada...*
 Eve: *Você realmente não...*
 House: *Eu sou mau.*
 Eve: *As pessoas más não admitem que são más.*
 House: *Parece fácil, assim. As pessoas podem fazer coisas boas, mas seus instintos não são bons. Ou Deus não existe ou ele é inimaginavelmente cruel.*

Por não aceitar ou compreender o próprio sofrimento, House sempre é reticente quanto à existência e ao papel de Deus junto à humanidade. Seus questionamentos são ecos de uma sociedade secularizada, herdeira de uma lógica baseada na ciência instrumental, que embasa sua fé em fatos e consequências comprováveis. O que ele, ou quem quer que use estes argumentos não se dá conta, é que esta linha de pensamento é, em grande parte, agravadora dos sofrimentos e injustiças, uma vez que retira do horizonte qualquer tipo de esperança. Por outro lado, discursos que romantizam estas situações tampouco ajudam em uma reflexão séria sobre as mesmas.

Eve: Eu não acredito nisso.

House: No que você acredita? Porque você acha que isso aconteceu?

Eve: Eu não quero falar sobre isso.

House: Eu também não. Isso é muito ruim.

Eve: Sabe, eu não acho que houve uma razão!

House: Huh-huh. Então Deus existe e deixou você ser estuprada. Assim fica mais fácil de manter seu bebê-estupro, sem nenhuma razão.

Eve: Talvez Ele estivesse me desafiando!

House: Deus te machucou para te ajudar. Talvez seja melhor do que Ele te odiar.

Eve: Você está tentando me convencer de que não há Deus! Por que você está fazendo isso?

House: Porque você está jogando sua vida fora.

Eve: Eu estou fazendo o que eu acredito!

House: O que você acredita não faz sentido.

Eve: Isso não está me ajudando.

House: Então eu não posso te ajudar. Se você acredita na eternidade, então... a vida é irrelevante. Da mesma forma que um inseto é irrelevante em comparação com o universo.

Eve: Se você não acredita na eternidade, então o que fazemos aqui é irrelevante.

House: Nossas ações aqui são tudo o que importa.

Eve: Então, nada importa. Nada tem consequências. Eu não poderia viver com isso.

House: Então, você precisa pensar que o cara que fez isso com você vai ser punido?

Eve: Eu preciso saber que tudo isso significa alguma coisa. Eu preciso deste conforto.

House: Claro. Você está se sentindo confortável? Sente-se bem agora? Sente-se aquecida por dentro?

Eve: Eu fui estuprada. Qual é a sua desculpa?

Saber que há um sentido para tudo o que acontece não pode ser simplesmente um consolo, pois descobrir esse sentido pode não trazer conforto ou satisfação. A visão que House tem, assim, questiona esta linha de pensamento em um sentido muito concreto: afinal, para que serve descobrir o sentido das coisas? No fundo, a discussão sobre eternidade levanta a questão da identidade humana em si e, conforme se afirmava no início deste escrito, a cultura ocidental tem se limitado a

pensar questões como eternidade e salvação exclusivamente como experiências de pós-morte. No caso de Eve, House está forçando uma decisão que precisa ser tomada urgentemente, dado o estado emocional da jovem. Por outro lado, Eve lança um questionamento sério para House: o que, afinal, o deixa tão descrente e amargo?

Eve: Você acha que o cara que fez isso comigo se sente mal?

House: Isso vai ajudá-la? Fazer você se sentir melhor?

Eve: Por que você sempre faz isso? Pergunta por que eu estou fazendo uma pergunta, em vez de apenas responder à pergunta.

House: A resposta não me interessa. Eu não me importo com o que ele está sentindo. Eu estou interessado no que você está sentindo.

Eve: É mesmo?

House: Eu estou preso em um quarto com você, certo? Por que você me escolheu?

Eve: Há algo sobre você. É como se estivesse machucado também.

House: Era verdade.

Eve: O quê?

House: Não era a minha avó, mas era verdade.

Eve: Quem foi?

House: Meu pai.

Eve: Eu gostaria de lhe dizer o que aconteceu comigo agora.

House: Eu gostaria de ouvi-la.

Além da constante dor física, House carrega com ele o peso das humilhações e violências infligidas nele por seu pai. Nisso se encontra o elo sensível que fez com que Eve o quisesse como interlocutor para suas dores: a solidariedade no sofrimento, que faz com que ambos se tornem próximos um do outro. Este parece ser, aliás, o grande tema do episódio: ao comparar a vida a uma sucessão de salas ou quartos, onde as pessoas vão se encontrando, a história parece evocar a parábola do samaritano, onde o próximo é reconhecido como aquele que age com misericórdia. Neste mesmo diálogo há ainda duas questões importantes: primeiro, a afirmação de que não é a culpa que traz justiça, mas a compaixão. A pergunta de Eve sobre a culpa de seu agressor é totalmente descabida, mas muito corriqueira em situações como essas. Deseja-se que o agressor se sinta mal, pois assim ele estará sendo castigado. Ao agir assim, na verdade, existe a pretensão de encarnar uma onipotência divina, que pune os maus e recompensa os bons. O Deus revelado na tradição judaico-cristã, porém, deseja a reconciliação e solidariza-se com o oprimido e o injustiçado. É um Deus que, antes de mais nada, acompanha, consola e trata das feridas dos que foram violentados, até que se reergam e recuperem sua voz.

Um segundo ponto é a revelação de House a respeito de quem o havia maltratado na infância. Teologicamente, a relação salvífica se estabelece na afinidade filial de Cristo com o Pai, estendida a toda criação. Se a relação de House com o pai foi marcada pela opressão, medo e violência, estas serão as características que transparecerão em suas relações interpessoais. A grande crise do médico, por isso, parece ser a condição que ele acaba assumindo a partir de sua profissão: querendo ou não, ele desempenha um papel salvífico junto aos seus próximos, constituindo-se, então em uma figura messiânica. Por essa razão, o caminho por ele escolhido é o da salvação mediante a desconfiança e desencanto de quaisquer ideais a respeito do ser humano que lhe sejam apresentados.

Na sequência final do episódio, em um diálogo entre House, Wilson e a Dr.^a Cuddy, fica-se sabendo que Eve aceitou realizar o procedimento de aborto. Neste último diálogo, revela-se a verdadeira opinião de House sobre o que aconteceu.

House: *Ela fez o procedimento. Ela já foi embora.*

Cuddy: *Ela vai ficar bem.*

House: *Pois é... simples assim.*

Cuddy: *Ela está falando sobre o que aconteceu. Isso é muito importante. Você agiu bem.*

House: *É o que todo mundo vai dizer... que é isso que tínhamos que convencê-la a fazer. Nós tínhamos que ajudá-la, certo? Só que nós não conseguimos. Nós apenas arrancamos dela uma parte de sua história. Vamos dizer que isso vai ajudá-la a ficar melhor. Nos sentiremos muito bem a nosso respeito. Mas tudo o que conseguimos foi fazer uma garota chorar.*

Wilson: *Então por que você ...?*

House: *Eu não sei...*

Wilson: *Você vai continuar acompanhando ela?*

House: *Um dia, numa sala.*

A obsessão de House pela verdade não se restringe a acertar diagnósticos. Sua grande questão é sempre a integridade de quem se apresenta à sua frente. Em função disso, também ele vai se dar conta de seus equívocos de julgamento quanto às questões que lhe cabem. Neste caso, reconhecer que foi um erro insistir com Eve para que ela realizasse um aborto, acaba denunciando o *locus cultural* de onde este tipo de decisão é incentivada: uma cultura que prefere fechar os olhos ao que não é desejável e seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Tal atitude serve apenas para disfarçar o indisfarçável: o mal ocorrido àquela jovem não seria apagado com a eliminação do feto. Pelo contrário, isso apenas lhe traria um sofrimento maior e um vazio impossível de ser preenchido. Novamente transparece

aqui uma questão teológica: o problema do *outro* como portador daquilo que completa e reintegra a identidade pessoal. A opção pelo aborto, conforme mostrada nesta história, é típica de uma cultura individualista, que alimenta cada vez mais a tendência de negação ao sofrimento, extirpando todo e qualquer sinal do que possa ser indesejável frente aos projetos pessoais de vida que cada pessoa alimenta. Com isso, aceita-se o *outro* apenas quando ele confirma minhas opiniões pessoais e corrobora com minha visão de mundo. Obviamente, se esta for a expectativa a respeito do *outro* será também a respeito do *Totalmente Outro*, definidor misterioso da mais profunda identidade humana.

Agonia é a outra da experiência da alteridade: se o Outro é outro, a relação com o Outro é luta. Agonia é experimentar a alteridade até o fim, teórica e existencialmente; é viver em si o limite. É essa a razão especulativa mais profunda da co-presença da fé e da não-crença de alguns de nós, porque todos, no momento em que somos não-negligentes no pensar e pensamos até o fundo a alteridade do Outro e tentamos abrir-nos a suas surpresas e a seu advento, vivemos a luta, a inquietude dessa alteridade inaferrável.¹⁶

Para Eve, havia um *outro* que a violentara e um *outro* que habitava seu corpo, como sacramento desta violência ou da esperança de novos sentidos para seu existir. Para House, havia uma *outra* que, ao escolhê-lo, rompia a barreira de sua misantropia e com ele dialogava a partir do sofrimento mútuo. A decisão errônea pelo aborto, assim, parece mostrar também o quanto a alteridade que se estabelecia entre médico e paciente precisava de mais tempo para frutificar em novas possibilidades de integração da violência sofrida por ela na totalidade da vida. A pressa em tomar uma decisão demonstra exatamente o ritmo desumano de vida imposto por uma sociedade que alimenta egos e desnute relações.

Interessante destacar que, paralelamente à história de Eve, o episódio apresenta outra trama, de fundo tão teológico quanto a primeira. Trata-se de um paciente, cujo nome não é revelado, que chega ao hospital com um diagnóstico de câncer em estado avançado. Pelo que tudo leva a entender, ele seria um morador de rua ou alguém que havia abandonado sua casa e sua família. Atendido pela Dr.^a Cameron, ele faz dois pedidos: ficar internado durante aquela noite e não receber nenhum tipo de tratamento para sua doença, incluindo anestésicos. Atendendo ao

¹⁶ FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo* – para quem quer e para quem não quer saber nada disso. tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002. p. 68.

primeiro pedido, Cameron nega-se a deixar o homem sentindo as dores decorrentes de seu tumor, mas é persuadida por ele pelo seguinte argumento:

Paciente: *É o fim da minha jornada.*
 Cameron: *Você não precisa sofrer. Isso é insanidade.*
 Paciente: *Não. Não.*
 Cameron: *Eu não vou te ver sofrer.*
 Paciente: *Eu preciso que você lembre de mim.*
 Cameron: *Eu vou lembrar de você!*
 Paciente: *Por quê?*
 Cameron: *Porque você é um bom homem.*
 Paciente: *Você não sabe se eu sou. Você não sabe nada sobre mim.*
 Cameron: *Ou você é um bom homem ou você é um idiota. De qualquer forma, você fez alguma coisa para alguém e será lembrado.*
 Paciente: *Eu não tenho família, não tenho amigos. Eu nem sequer tive um emprego real. Se eu morrer em paz, então eu serei apenas mais um paciente. Mas se eu morrer sofrendo ...*
 Cameron: *Vai ser horrível. Não faça isso para nós.*
 Paciente: *Não! Eu só preciso morrer sabendo que algo está diferente, porque eu estava aqui.*

Ao mesmo tempo em que se decidia pelo aborto de uma criança anônima, gerada em uma relação de violência, um homem anônimo optava por uma morte no sofrimento para ser lembrado por alguém. Nos dois extremos da vida, os anônimos silenciados aparecem neste episódio como forte sinal da injustiça a que são submetidos: a injustiça de uma sociedade superficial, que condena crianças não desejadas a não nascerem e pessoas não desejadas a morrerem como se nunca tivessem existido. No julgamento da médica, ele devia ser um *bom homem*. Ele sabia que não se enquadrava nos conceitos de bondade que a Dr.^a Cameron tinha em mente. A questão, por isso, não era bondade ou maldade, mas o valor da vida em si: a vida não encontra seu valor naquilo que se faz ou se deixa de fazer, mas no encontro com o outro e na mútua sensibilidade e solidariedade com ele, na alegria e no sofrimento. O homem não quer *morrer em paz*, porque a verdadeira paz não se encontra nos anestésicos que eliminam a dor: a verdadeira paz se encontra na misericórdia de quem olha amorosamente para o rosto do sofredor. É neste olhar que a vida ganha sentido, pois ele é o espelho onde toda a história se integra e se torna legível e, com isso, encaminha o morrer como entrega final de uma vida que se deu.

NA FICÇÃO MUDIÁTICA, UMA TEOLOGIA NO CONCRETO DA VIDA

Histórias como as narradas ao longo desse artigo foram constantes ao longo das oito temporadas de duração de *House*. Foram muitos casos e pacientes que, em suas particularidades, representavam questões universais, ecoando por uma grande audiência que lhes correspondia em sites, blogs, fóruns e perfis nas redes sociais. Por essas razões, seriados como *House* extrapolam o simples entretenimento e se tornam vetores culturais, possibilitando leituras de realidade com recortes consistentes, complexos e plenos de discursos filosóficos, sociológicos e teológicos.

Em tempos nos quais se afirma que a teologia se encontra exilada dos grandes debates sociais e acadêmicos, produções como *House* evidenciam não ser possível discutir as questões de fundo da vida sem a Teologia. Assim sendo, parece ser tarefa da academia teológica ficar atenta ao que circula nas diferentes mídias e auxiliar na realização de uma *exegese* dos conteúdos que por lá circulam. Desta forma, pode-se auxiliar na superação do senso comum a respeito de questões sérias como vida, morte e esperança e contribuir para a renovação das relações com a fé, de forma inteligente.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio Cezar. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 10, n. 26, abr./jun. 2012. p. 552-565

ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papyrus, 1988.

FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo – para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002.

GARGANI, Algo. A experiência religiosa como evento e interpretação. In DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 125-150.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002.

GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HOUSE MD. Fox / Universal Studios. Criador: David Shore. Produção: Katie Jacobs, David Shore, Paul Attanasio, Bryan Singer, Russel Friend, Garrett Lerner e Thomas L. Moran – Fox. Elenco: Hugh Laurie, Lisa Edelstein, Robert Sean Leonard, Jennifer Morrison, Jesse Spencer, Omar Epps, Peter Jacobson, Kal Penn, Olivia Wilde.

PANNENBERG, Wolfhart. *El hombre como problema: hacia una antropologia teológica*. Barcelona: Herder, 1976.

TERRIN, A. N. *O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões*. Tradução de Euclides Balancin. São Paulo: Loyola, 1998.